# Manuaw da llīgwa brazileyra para luzófonus

Cao Bittencourt

# 1 Ĩtrodusàw̃

# 1 Introdução

#### 2 Awfabétu

Comesemus pelu mays bázicu, u awfabétu:

Tabela 1: Awfabétu brazileyru

Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff
	Be	Ca	De	E	és
$\mathop{\rm Gg}_{\rm Ga}$	Hh	Ii	Yy	Jj	Ll
	Éhi	1	Cwazi-i	Jóta	Élli
$\mathop{Mm}_{\rm Emi}$	$\underset{\mathrm{Eni}}{\mathrm{Nn}}$	Oo o	$\mathop{\rm Tt}_{\rm Te}$	$\Pr_{\text{Pe}}$	Rr Éri
Ss Ési	Uu U	Ww Cwazi-u	$\mathop{\rm Vv}_{\mathop{\rm Ve}}$	$X_{\mathrm{X}}$	$\mathbf{Z}\mathbf{z}$

Cowfóhrmi as tabélas, u novu awfabétu brazileyru (ä escehrda) teỹ vĩtxi i cwatru letras, ĩcwatu u atxigu awfabétu pohrtugeys-brazileyru (ä djireyta) teỹ vĩtxi i seys. As letras hemovidas foraw u "k" i u "q",

#### 2 Alfabeto

Comecemos pelo mais básico, o alfabeto:

Tabela 1: Alfabeto português-brasileiro

Aa Á	Bb Bê	Cc Cê	Dd Dê	Ee Ê	Ff Efe	Gg Gê
Hh Agá	Ii 1	$\operatorname*{Jj}_{\mathrm{Jota}}$	Kk Cá	$\operatorname{Ll}$ Ele	$\mathop{Mm}_{\rm Eme}$	Nn Ene
Oo ô	$\Pr_{P\hat{e}}$	$\displaystyle egin{array}{l} Qq \ _{Qu\hat{e}} \end{array}$	$\Pr_{ ext{Erre}}$	Ss Esse	$\operatorname{Tt}_{\mathrm{T\hat{e}}}$	$_{\mathrm{U}}^{\mathrm{U}}$
	Ww Dábliu	$\underset{ ext{Xis}}{ ext{Xx}}$	$\mathop{\rm Yy}_{\rm fpsilon}$	$\mathbf{Z}\mathbf{z}$		

Conforme as tabelas, o novo alfabeto brasileiro (à esquerda) tem vinte e quatro letras, enquanto o antigo alfabeto português-brasileiro (à direita) tem vinte e seis. As letras removidas foram o "k" e o "q", porque

pohrce saw hedūdātxis. Dji fatu, a primeyra délas ja éra até na ātxigwidadji clásica critxicada pelus gramátxicus homànus, ci axavaw̃-na desnesesarya. A letra "q", pohr sua veys, foy uma ĩveỹsàw̃ desis mesmus gramátxicus para djifereỹsiahr u sow̃ du "u" vogaw i du "u" semivogaw (cf. as palavras qui i cui). Nós, nu eỹtātu, naw̃ temus pohr ce fazehr ésa djistīsàw̃, poys a nósa llĩgwa teỹ mays semivogays du ci u Latxî i, alèỹ djisu, mellyóris métodus para espllisitá-las (vehr adjiātxi). Asî seỹdu, hemovemus du awfabétu acéla letra, desprezada pelus homànus, i, ironicameṽtxi tãbèṽ ésa, ci ĩveṽtaraw̃.

Naw á nóvas letras nu awfabétu, porèğ muỹtas das ci pehrmaneseraw pasaw a tehr nóvas fūsoỹs; i, mays ĩpohrtātxi, uma única fūsaw para cada. A letra "c", pohr ezeỹplu, para cowtxinuahr a djiscusaw asima, teỹ agóra seỹpri u sow dji "k", nūca dji "s"; na vehrdadji, foy até henomiada para "Ca" [ka], a fī dji deyxahr isu mays claru. Pelu mesmu motxivu, u "Se-sidjillya", "ç", é subistxituidu pohr "s". I, cow isu, acaba-si a ãbigwidadji eỹtri as cowsoatxis ocluziva velahr suhrda [k] i a fricatxiva awveolahr suhrda [s].

Analogameỹtxi, a letra "g" heprezeỹta apenas a cowsoatxi ocluziva velahr sonóra [g] i, comu u "c", foy

são redundantes. De fato, a primeira delas já era até na antiguidade clássica criticada pelos gramáticos romanos, que achavam-na desnecessária. A letra "q", por sua vez, foi uma invenção desses mesmos gramáticos para diferenciar o som do "u" vogal e do "u" semivogal (cf. as palavras qui e cui). Nós, no entanto, não temos por que fazer essa distinção, pois a nossa língua tem mais semivogais do que o latim e, além disso, melhores métodos para explicitá-las (ver adiante). Assim sendo, removemos do alfabeto aquela letra, desprezada pelos romanos, e, ironicamente, também essa, que inventaram.

Não há novas letras no alfabeto, porém muitas das que permaneceram passam a ter novas funções; e, mais importante, uma única função para cada. A letra "c", por exemplo, para continuar a discussão acima, tem agora sempre o som de "k", nunca de "s"; na verdade, foi até renomeada para "Cá" [ka], a fim de deixar isso mais claro. Pelo mesmo motivo, o "Cê-cedilha", "ç", é substituído por "s". E, com isso, acaba-se a ambiguidade entre as consoantes oclusiva velar surda [k] e a fricativa alveolar surda [s].

Analogamente, a letra "g" representa apenas a consoante oclusiva velar sonora [g] e, como o "c", foi re-

henomiada para "Ga" [ga], uma veys ci u nomi "Je" [ʒe], durãtxi séculus, éra pronūsiadu cow a fricatxiva pós-awveolahr sonóra [ʒ] (i.e. o sow da letra "j" eỹ Pohrtugeys). Asî, pohr ezeỹplu, a palavra "garagem", ãtxis iscrita cow doys "g", é, agóra espllisitameỹtxi, "garajeỹ".

Segīdu a óhrdeỹ awfabétxica, u ātxigu "Agá", "h", deyxa dji sehr uma letra maw utxillizada, eseỹsiawmeỹtxi inútxiw, i pasa a tehr u sow fricatxivu glotaw suhrdu [h], ow "Éhi" guturaw, comu é nus demays idjiomas da Ewrópa (e.g. nas palavras home, heim i hjem, ow seja, "lahr" eỹ Ĩgleys, Alemàw i Noruegeys, hespectxivameỹtxi). Isu significa ci u "r" é hezehrvadu para u tépi awveolahr [r] (e.g. eỹ "para"); i todas as palavras ci comesavaw cow "r", comésaw cow "h"; i, pela mesma via, acélas ci txĩaw doys "r", iscrévi-si tãbèỹ cow "h". Pohr fĩ, hemóvi-si todus us "h" mudus (e.g. "oji"); i, comu nas owtras letras, henomeya-si u "Agá" para "Éhi" [ɛhi] i u "Éhi" para "Éri" [ɛri], sinalizãdu suas nóvas fũsoỹs.

Aw cow̃traryu das suprasitadas llĩgwas jehrmànicas, eỹtretãtu, u "j" cow̃séhrva a pronũsya ci hesebemus dus frãsezis, naw̃ seỹdu utxillizadu para u sow̃ dji "i" semivogaw (comu vimus eỹ hjem, asima). Esi sow̃,

nomeada para "Gá" [ga], uma vez que o nome "Gê" [ʒe], durante séculos, era pronunciado com a fricativa pós-alveolar sonora [ʒ] (i.e. o som da letra "j" em português). Assim, por exemplo, a palavra "garagem", antes escrita com dois "g", é, agora explicitamente, "garájeỹ".

Seguindo a ordem alfabética, o antigo "Agá", "h", deixa de ser uma letra mal utilizada, essencialmente inútil, e passa a ter o som fricativo glotal surdo [h], ou "Erre" gutural, como é nos demais idiomas da Europa (e.g. nas palavras home, heim e hjem, ou seja, "lar" em inglês, alemão e norueguês, respectivamente). Isso significa que o "r" é reservado para o tepe alveolar [r] (e.g. em "para"); e todas as palavras que começavam com "r", começam com "h"; e, pela mesma via, aquelas que tinham dois "r", escreve-se também com "h". Por fim, remove-se todos os "h"mudos (e.g. "hoje"); e, como nas outras letras, renomeia-se o "Agá" para "Erre" [shi] e o "Erre" para "Eri" [sri], sinalizando suas novas funções.

Ao contrário das supracitadas línguas germânicas, entretanto, o "j" conserva a pronúncia que recebemos dos franceses, não sendo utilizado para o som de "i" semivogal (como vimos em *hjem*, acima). Esse som, cujo

cuju fonema denóta-si pohr [j] pehrteỹsi aw "y", ci, dji maneyra análoga aw "h", ãtxis sub'utxillizadu, é agóra uma letra muỹtu ĩpohrtãtxi, teỹdu eỹ vista ci u Brazileyru é ũ idjioma replétu dji semivogays.

[falahr da hemosà $\tilde{w}$  du "l" pós-vocállicu, sitahr  $\tilde{u}$  eze $\tilde{y}$ plu e $\tilde{y}$  Alemà $\tilde{w}$ , o $\tilde{w}$ dji u "l" pós-vocállicu é pron $\tilde{u}$ siadu]

Asî, pohrtātu, a îdjicasàw das letras semivogays naw é neỹ negllijeỹsiada, comu vĩa seỹdu deysdji u Acohrdu Ohrtográficu dji 1990, tawpowcu si dá pelu atxicwadu "Trema". Eỹ cowtrapozisàw, a nóva llĩgwa brazileyra dezigna letras espesíficas para esi fĩ, cways sejaw, u "y", xamadu "Cwazi-i", i u "w", ow "Cwazi-u". Naw é nesesaryu mays letras du ci ésas, pohrce apenas u "i" i u "u" saw semivogays, ĩcwatu u "a", u "e" i u "o" saw seypri vogays (i.e. élas "cébraw" a sílaba i naw aglutxinaw-si ey djitowgus i tritowgus).

Alèỹ djisu, u "y" i u "w" saw frecweỹtximeỹtxi aseỹtuadus cow u aseỹtu nazaw, "~", i subistxitueỹ u "n" i u "m" pós-vocállicus; isu pohrce uma característxica djistxĩtxiva du Brazileyru é ci vogays segidas dji "n" i "m" (cow uma cowsoatxi depoys) seỹpri produzeỹ ũ sow semivocállicu heziduaw, ci naw é pehrfeytameỹtxi capturadu pohr ésas duas cowsoatxis, mas

fonema denota-se por [j], pertence ao "y", que, de maneira análoga ao "h", antes subutilizado, é agora uma letra muito importante, tendo em vista que o brasileiro é um idioma repleto de semivogais.

Assim, portanto, a indicação das letras semivogais não é nem negligenciada, como vinha sendo desde o Acordo Ortográfico de 1990, tampouco se dá pelo antiquado "Trema". Em contraposição, a nova língua brasileira designa letras específicas para esse fim, quais sejam, o "y", chamado "Quasi-i", e o "w", ou "Quasi-u". Não é necessário mais letras do que essas, porque apenas o "i" e o "u" são semivogais, enquanto o "a", o "e" e o "o" são sempre vogais (i.e. elas "quebram" a sílaba e não aglutinam-se em ditongos e tritongos).

As semivogais, no entanto, também podem substituir (aparentes) consoantes. É o que verificamos no "l" pós-vocálico, que no português brasileiro tem o som do "u" semivogal [v], mas não o do "l" propriamente dito, isto é, a aproximante lateral alveolar [l] (e.g. no alemão, hilfe ['hilfə], ou no português europeu, "fiel" [fiˈɛl], com "l" pronunciado, cf. no português brasileiro, [fiˈɛv], onde não tem som consonantal). Idem nos dígrafos "nh" e "lh" (vide o Capítulo 4).

Outro exemplo é o do "n" e o do "m" pós-vocálicos,

sĩ pohr acélas semivogays nazallizadas (viz. "ỹ", "w").

Eỹ pratxicameỹtxi todus us owtrus idjiomas iscritus cow u awfabétu latxinu, porèỹ, ésa "semivogaw heziduaw" naw acowtési, eỹtàw é cohétu utxillizareỹ u "n" i u "m" pós-vocállicus (e.g. [ezeỹplus]). Mas, comu u nósu objetxivu é ci u *Brazileyru* seja cowsisteỹtxi, devemus subistxituí-lus pohr semivogays nazallizadas.

Finawmeỹtxi, as duas úwtximas letras, "x" i "z" heprezeỹtaw, cada, ũ únicu sow i naw mays si cowfūdey eỹtri si neỹ cow u "s", "c", etc. Espesificameỹtxi, u "x" teỹ, agóra, seỹpri u sow da fricatxiva pós-awveolahr suhrda [ʃ] (ātxigu "ch"). Ja u fonema [z] é grafadu pelu "z", īcluzivi nas palavras cow "s" ītehrvocállicu (e.g. "caza"); i naw̃ á mays "z" nu finaw dji neỹuma palavra. Desi módu, todas as letras nu awfabétu teỹ sua próprya fūsàw̃.

## 3 Vogays

Comu aludjidu asima, as vogays na llīgwa brazileyra saw̃ "a", "e", "i", "o", "u"; i as semivogays, "y" i "w" ("Cwazi-i" i "Cwazi-u"). As vogays fóhrmaw̃ iatus si

que dão lugar ao "y" e "w" acentuados com o acento nasal, "~", devendo-se à característica distintiva do brasileiro de que vogais seguidas de "n" e "m" (com uma consoante depois) sempre produzem um som semivocálico residual, que não é perfeitamente capturado por essas duas consoantes, mas sim por aquelas semivogais nasalizadas (viz. "ỹ", "w").

Em praticamente todos os outros idiomas escritos com o alfabeto latino, porém, essa "semivogal residual" não acontece, então é correto utilizarem o "n" e o "m" pós-vocálicos (e.g. [exemplos]). Mas, como o nosso objetivo é que o *brasileiro* seja consistente, devemos substituí-los por semivogais nasalizadas.

Finalmente, as duas últimas letras, "x" e "z" representam, cada, um único som e não mais se confundem entre si nem com o "s", "c", etc. Especificamente, o "x" tem, agora, sempre o som da fricativa pós-alveolar surda [ʃ] (antigo "ch"). Já o fonema [z] é grafado pelo "z", inclusive nas palavras com "s" intervocálico (e.g. "casa"); e não há mais "z" no final de nenhuma palavra. Desse modo, todas as letras no alfabeto têm sua própria função.

adjijaseỹtxis, mas as semivogays aglutxinaw-si. Pohr ezeÿplu, nus eÿcow̃trus vocállicus

```
"(eỹ br-br) palavras cow vogaw + y" [IPA],
"(eỹ br-br) palavras cow vogaw + w" [IPA],
"(eỹ br-br) palavras cow y + vogaw" [IPA],
"(eỹ br-br) palavras cow w + vogaw" [IPA],
"(eỹ br-br) palavras cow y + vogaw + w" [IPA],
"(eỹ br-br) palavras cow y + vogaw + y" [IPA],
"(eỹ br-br) palavras cow w + vogaw + w" [IPA],
"(eỹ br-br) palavras cow w + vogaw + y" [IPA],
"(eỹ br-br) palavras cow w + vogaw + y" [IPA],
```

as semivogays i as vogays saw̃ uma única sílaba; ja nus iatus

```
"(eỹ br-br) ezeỹplu dji iatu" [IPA],
```

as vogays, mesmu adjijaseỹtxis, naw si aglutxinaw. Ademays, pohrce vizàmus a cowsisteÿsya fonétxica (i.e. ci si iscreva comu si djis), presizàmus djistĩgwihr naw só eÿtri vogays i semivogays, mas aïda eÿtri as

## 3 Vogais

Como aludido acima, as vogais na língua brasileira são "a", "e", "i", "o", "u"; e as semivogais, "y" e "w" ("Quasi-i" e "Quasi-u"). As vogais formam hiátos se adjacentes, mas as semivogais aglutinam-se. Por exemplo, nos encontros vocálicos

```
"(em pt-br) palavra com vogal + y" [IPA],
"(em pt-br) palavra com vogal + w" [IPA],
"(em pt-br) palavra com y + vogal" [IPA],
"(em pt-br) palavra com w + vogal" [IPA],
"(em pt-br) palavra com y + vogal + w" [IPA],
"(em pt-br) palavra com y + vogal + y" [IPA],
"(em pt-br) palavra com w + vogal + w" [IPA],
"(em pt-br) palavra com w + vogal + y" [IPA],
```

as semivogais e as vogais são uma única sílaba; já nos hiatos

```
"(em pt-br) exemplo de hiato" [IPA],
```

agudas, gravis i nazays. Denotá-las espllisitameỹtxi ezijiria ow uma letra para cada sow (comu é nu Awfabétu Fonétxicu Îtehrnasyonaw) ow awgû sistema dji aseỹtuasàw. A primeyra opsàw naw é neỹ ũ powcu prátxica; a segūda, nu eỹtātu, tãbèỹ pódji tohrnahr-si traballyósa si naw ĩplemeỹtada djireytu.

Eỹ pahrtxiculahr, para evitahr esesivus aseỹtus, devemus cowveỹsyonahr uma "pronusya padràw" para cada vogaw (viz. a mays freqweỹtxi), i idjicahr cow aseỹtus apenas cwadu a pronusya fohr djifereỹtxi.

A tabéla abayxu defini a pronūsya padràw̃ das vogays i semivogays brazileyras:

Tabela 2: Pronusya padràw

Letra	Pronűsya padràw	Ezeỹplu
Aa	Agudu	dsds
Ee	Gravi	dsds
Ii	Agudu	dsds
Oo	Gravi	dsds
Uu	Agudu	dsds

Continued on next page

as vogais, mesmo adjacentes, não se aglutinam.

Ademais, porque visamos a consistência fonética (i.e. que se escreva como se diz), precisamos distinguir não só entre vogais e semivogais, mas ainda entre as agudas, graves e nasais. Denotá-las explicitamente exigiria ou uma letra para cada som (como é no Alfabeto Fonético Internacional) ou algum sistema de acentuação. A primeira opção não seria nem um pouco prática; a segunda, no entanto, também pode tornar-se trabalhosa se não implementada direito.

Em particular, para evitar excessivos acentos, devemos convencionar uma "pronúncia padrão" para cada vogal (viz. a mais frequente), e indicar com acentos apenas quando a pronúncia for diferente.

A tabela abaixo define a pronúncia padrão das vogais e semivogais brasileiras:

Tabela 2:	Pronúncia	padrão	

Letra	Pronúncia padrão	Exemplo
Aa	Agudo	dsds

Continued on next page

Tabela 2: Pronusya padràw (Continued)

Letra	Pronüsya padràw̃	Ezeỹplu
Yy	Agudu	dsds
Ww	Agudu	dsds

Comu pódji-si pehrsebehr, us fonemas vocállicus saw us mesmus du Pohrtugeys tradjisyonaw. Eÿtàw, nesi seÿtxidu, esetuadu a adjisàw das semivogays, naw á nada dji novu. As pronusyas awtehrnatxivas, porèy, naw saw as mesmas, cowcwatu sejaw mays acuradas du ci nu Pohrtugeys. Espllicemu-las na segitxi sesàw.

#### 3.1 Aseỹtus

Para eỹteỹdehr as pronūsyas awtehrnatxivas das vogays i semivogays brazileyras, cow̃vė̃ỹ definihrmus, primeyru, us aseỹtus ci as i̇̃djicaw̃:

Tabela 2: Pronúncia padrão (Continued)

Letra	Pronúncia padrão	Exemplo
Ee	Grave	dsds
Ii	Agudo	dsds
Oo	Grave	dsds
Uu	Agudo	dsds
Yy	Agudo	dsds
Ww	Agudo	dsds

Como pode-se perceber, os fonemas vocálicos são os mesmos do português tradicional. Então, nesse sentido, excetuando a adição das semivogais, não há nada de novo. As pronúncias alternativas, porém, não são as mesmas, conquanto sejam mais acuradas do que no português. Expliquemo-las na seguinte seção.

#### 3.1 Acentos

Para entender as pronúncias alternativas das vogais e semivogais brasileiras, convém definirmos, primeiro, os acentos que as indicam:

Tabela 3: Aseỹtus da llĩgwa brazileyra

Aseỹtu	Nomi	Ezeỹplu
,	Aseỹtu agudu	dsds
`	Aseỹtu gravi	dsds
~	Aseỹtu nazaw	dsds
^	Aseỹtu nazaw fóhrtxi	dsds
	Aseỹtu duplu (crazi)	dsds

Tabela 3: Acentos da língua brasileira

Acento	Nome	Exemplo
,	Acento agudo	dsds
`	Acento grave	dsds
~	Acento nasal	dsds
^	Acento nasal forte	dsds
	Acento duplo (crase)	dsds

As funções dos acentos na Tabela 3 são variadas. Mas, de maneira geral, servem para: 1) explicitar quando a pronúncia não é a padrão; 2) indicar a sílaba tônica quando não for autoevidente; 3) diferenciar palavras homófonas<sup>1</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>Sendo muito simples a função de diferenciar palavras de mesmo som, opta-se por não explicá-la em detalhes, para não interromper o fluxo deste texto. Porém, a título de exemplo, compare-se o verbo "há" (agora escrito "á") e o artigo ou a preposição "a". Fica claro, aqui, que o acento é o único meio de diferenciar essas homófonas.

## 3.2 Eỹcow̃trus vocállicus

#### 3.3 Ley da gravidadji vocállica

## 3.4 Hégras dji aseỹtuasàw̃

## 4 Djígrafus

Tabela 4: Djígrafus

	0 0	
$ ilde{\mathbf{A}}$ txiga Grafia	Nóva Grafia	Ezeỹplu
nh	$\tilde{y}, \tilde{i}, \hat{i}^1$	
lh	lly, $lli^1$	
SS	$\mathbf{s}$	
sc	S	
sç	$\mathbf{s}$	
XS	$\mathbf{s}$	
xc	$\mathbf{s}$	
ch	X	
rr	h	

Continued on next page

#### 3.1.1 Altura e acentuação

A primeira dessas funções é realizada por todos os acentos, exceto a crase. Assim, então, quando o acento é agudo, a pronúncia é aguda, mesmo que a pronúncia padrão da vogal em questão seja grave; e inversamente se o acento for grave.

O acento nasal também serve para indicar uma pronúncia alternativa. Entretanto, nisso difere bastante do que era antes. Na língua brasileira, o acento "~", não mais chamado "Til", faz com que a vogal seja pronunciada como seria se fosse seguida de "n" ou "m", porém de uma maneira inteiramente vocálica, "torcendo" o som com o nariz, sem a obstrução física que caracteriza as consoantes. Isto é, não trata-se de uma vogal "tendendo" ao "n" ou "m", como é no espanhol ou no italiano, por exemplo, mas daquele som nasal *não consonantal*, que é marca do português brasileiro

Acrescenta-se, ainda, que uma vogal nasalizada pode ser tanto aguda quanto grave (cf. adelante em espanhol e "adiante" em português). Em teoria, isso requeriria acentos mais específicos, mas, convenientemente, a pronúncia aguda ou grave nas vogais

Tabela 4: Djígrafus (Continued)

Ãtxiga Grafia	Nóva Grafia	Ezeỹplu
qu	cw, c	cwallidadji, ceyju
gu	gw, g	agweỹta, géha
r pós-vocállicu $^2$	hr	
di	dji	
ti	$\operatorname{txi}$	
li	lli, lly	

 $<sup>^1</sup>$  Depe<br/>ỹdeỹdu si u "i" fohr semivogaw ow na<br/>w.

# 5 Ezeỹplus

 $<sup>^2</sup>$  Istu é, u "r" segidu dji vogaw i co<br/>w̃soãtxi.

nasalizadas é consistente na língua brasileira: o "a" nasal é sempre grave; o "i" e o "y" nasais são sempre agudos; idem o "u" e o "w" nasais.

Já o "e" e o "o" nunca são nasalizados diretamente, porque o som que produziriam, de acordo com a nova definição do acento nasal, não ocorre no português brasileiro. Dito isso, se eram seguidos de "n" ou "m", passam a acompanhar "ỹ" e "w" (de novo, por causa da semivogal residual implícita nesses dígrafos).

Por fim, sendo evidente que as vogais "a", "e" e "o", seguidas de semivogal nasalizada são sempre graves (e.g. os dígrafos "ão", "em" e "om" em português), convenciona-se, para diminuir a quantidade de acentos, que nelas o "`" não se faz necessário.

#### 3.1.2 Tonicidade e acentuação

Tendo entendido isso, passamos para a segunda função dos acentos, qual seja, a indicação a sílaba tônica. Aqui, de novo, não difere-se muito do português tradicional.

Temos na língua brasileira apenas palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, cujas sílabas tônicas são, respectivamente, a última, a penúltima e

a antepenúltima.

Dentre essas as mais frequentes são as paroxítonas. E, assim sendo, convenciona-se, tudo o mais constante, que toda palavra de mais de uma sílaba seja paroxítona e não necessita de acento.

Já as proparoxítonas são, de longe, as mais raras e, por esse motivo, permanecem sempre acentuadas.

As oxítonas, por sua vez, são relativamente comuns, mas nem sempre requerem acento. Isso porque há alguns padrões consistentes em nossa língua, que nos permitem identificá-las.

Desse modo, se não indicado explicitamente, são oxítonas (e não acentuadas) todas as palavras terminadas em: "hr", "e", "o", "y", "w", "oỹ", "ow" (e, igualmente, os plurais, acrescidos de "s" no final).

O último tópico no âmbito da tonicidade referese à "hierarquia" dos acentos, que é o método com que se identifica a sílaba tônica em palavras que têm múltiplos diacríticos.

Mais uma vez, a regra é bem simples: o acento nasal forte é a sílaba tônica sempre que aparecer em uma palavra; depois, o acento mais forte é o agudo; e, depois, o grave. O acento nasal (fraco), embora possa coincidir com a penúltima sílaba em paroxítonas, não

é, por si só, tônico. E, analogamente, a crase é um diacrítico átono, pois somente consiste na junção de um "a" preposição com um "a" artigo<sup>2</sup>, e não modifica nem a pronúncia nem a tonicidade do "a" que acentua.

#### 3.2 Resumo dos fonemas vocálicos

Agora que explicamos a pronúncia de todas as vogais e semivogais brasileiras, podemos resumi-las citando alguns exemplos:

```
[não precisa de 1 exemplo por fonema vocálico]
"palavra com a [IPA],
"palavra com á [IPA],
"palavra com ã [IPA],
"palavra com ã [IPA],
"palavra com â [IPA],
"palavra com ä [IPA],
"palavra com e [IPA],
"palavra com e [IPA],
```

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup>Motivo pelo qual é grafada com """, sendo também, alternativamente substituída por dois "a", se o dispositivo em que se estiver escrevendo não disponibilizar o "acento duplo".

```
"palavra com è [IPA],
"palavra com i [IPA],
"palavra com í [IPA],
"palavra com ĩ [IPA],
"palavra com î [IPA],
"palavra com o [IPA],
"palavra com ó [IPA],
"palavra com ò [IPA],
"palavra com u [IPA],
"palavra com ú [IPA],
"palavra com ũ [IPA],
"palavra com û [IPA],
"palavra com y [IPA],
"palavra com \tilde{y} [IPA],
"palavra com w [IPA],
"palavra com \tilde{w} [IPA].
```

E esses são todos os sons vocálicos no português brasileiro fonético.

## 4 Dígrafos

Enfim, após a apresentação das vogais, só resta tratar brevemente dos dígrafos consonantais<sup>3</sup>:

Tabela 4: Dígrafos

Antiga Grafia	Nova Grafia	IPA	Exemplo
SS	S	[s]	
sc	$\mathbf{S}$	[s]	
sç	$\mathbf{S}$	[s]	
XS	$\mathbf{S}$	[s]	
xc	S	[s]	
qu	cw	[kw]	qualidade
qu	$\mathbf{c}$	[k]	queijo
gu	gw	[gw]	aguenta

Continued on next page

 $<sup>^3</sup>$ Novamente, os antigos dígrafos vocálicos (viz. vogal seguida de "n" ou "m"), foram substituídos por vogais nasalizadas, ou vogais seguidas de "ỹ" ou "w", quando resultam em semivogal residual, como explicado no capítulo anterior.

Tabela 4: Dígrafos (Continued)

Antiga Grafia	Nova Grafia	IPA	Exemplo
gu	g	[g]	guerra
lh	lly	[?]	
$_{ m nh}$	$\tilde{y},\tilde{\imath},\hat{\imath}^1$	$[\widetilde{\mathbf{j}}]$	
$\operatorname{ch}$	X	$[\int]$	
$\operatorname{rr}$	h	[h]	
r pós-vocálico $^2$	hr	[], [], [] <sup>3</sup>	restaurador
di	dji	$[\widehat{\mathrm{d}}_{\overline{3}}\mathrm{i}]$	
ti	txi	$[\widehat{\mathrm{t} \! \int} \! i]$	
li	lli, lly $^1$	[?i]	

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Dependendo se o "i" for semivogal ou não.

A tabela acima compara os antigos dígrafos no português com sua nova grafia na língua brasileira. Cita-se um exemplo de cada, bem como o fonema que representam no Alfabeto Fonético Internacional. Comentemo-los abaixo.

Primeiramente, os dígrafos referentes à consoante

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Isto é, o "r" seguido de vogal e consoante.

fricativa alveolar surda [s] (em português, "ss", "sc", "sç", "xs", "xc") deixam de sê-lo e são substituídos diretamente pela letra "s".

Seguimos com os dígrafos da semivogal aproximante labiovelar [w] (viz. "gu", "qu"), que, antes ambíguos (cf. na tabela, "aguenta" e "guerra"), sendo ora pronunciados, ora mudos, agora não são mais utilizados. No português brasileiro fonético, não há vogais mudas; e todas as semivogais são explícitas. Portanto, esses dígrafos não têm mais sentido: se o "u" era semivogal, passa a ser "Quasi-u"; e, se era mudo, é removido.

Quanto aos dígrafos da aproximante palatal [j], destaca-se, como já reconhecido pelos fonólogos (e.g. [citar]), que a língua brasileira não dispõe de um som aproximante lateral palatal [ $\Lambda$ ] propriamente dito. E idem para a consoante nasal palatal [ $\eta$ ], isto é, o "nh" no português europeu, o "gn" em francês e italiano e o "ñ" no espanhol (cf. montanha, montagne, montagna, montaña). A diferença é sutil, mas notável.

No Brasil, a nossa pronúncia é muito mais vocálica: aqui, o que temos, no lugar dessas consoantes, são a aproximante lateral alveolo-palatal  $[\underline{l}^j]$  e a aproximante nasal palatal  $[\tilde{\jmath}]$ , respectivamente. Em outras palavras,

o que em Portugal pronuncia-se com consoante, nós pronunciamos com semivogal.

Assim, por exemplo, o que causa o "estalo" na palavra "senha" [s'eja] (cf. no português europeu, [s'eja]) é que o "a" se diz logo após a semivogal nasalizada [j]: ou seja, o "estalo" é residual. E, da mesma maneira, na palavra "batalha" [bat'alja] (cf. no português europeu, [bat'ala]), há claramente um "Quasi-i" residual.

A grafia adotada para esse último fonema (viz. [li]) no português brasileiro fonético é "lly". Nisso, assemelha-se às línguas espanhola e francesa, que escrevem a aproximante lateral palatal com o dígrafo "ll" (e.g. [exemplo], [exemplo]).

As razões para essa escolha são duas: 1) como já dito na seção do alfabeto, a letra "h" passou a ter o som do "Erre" gutural (i.e. a fricativa glotal surda) e, portanto, agora substituindo o "r" no início de palavras e os dois "r" intervocálicos, não pode mais ser (mal) utilizada como um "dígrafo coringa"; 2) e, mais importantemente, o "lly" é, de fato, uma perfeita representação do fonema [li], como explicaremos.

Para entender por que escolheu-se o "lly" para grafar o  $[\underline{l}^{j}]$ , convém contrastarmos os sotaques nordestinos com os demais do Brasil. Tomemos, então, a frase "Minha filha, hoje é dia de ligar para tua tia.", que contém quase todas as divergências desse dialeto; e comparemos sua notação fonética com a da maior parte dos sotaques brasileiros:

```
[ m'ĩa f'ilja, 'əʒi \varepsilon d'ia di lig'ah p'@ra t'ua t'ia. ];
 [ m'ĩa f'ilja, 'əʒi \varepsilon d͡ʒ'ia d͡ʒi ljig'ah p'ara t'ua t͡ʃ'ia. ].
```

Aqui, é evidente [comentar]

Aproveitando [a discussão sobre sotaques] [falar do dji, txi e lli].

[ainda na discussão sobre sotaques, "hr"] [explicar novos dígrafos]

## 5 Exemplos

[pseudo-conclusão]

Concluímos esse manual com alguns exemplos.

# 6 Hezumu

# 7 Hefereỹsyas